

## Artigo

# Análise do uso e estabelecimento de objetos e formas autísticas: uma perspectiva de Frances Tustin

Gabriela Oliveira Lourenço; Eduardo Toshio Kobori

**Resumo.** O propósito deste artigo é discutir aspectos do funcionamento psicodinâmico autístico do ponto de vista de Frances Tustin, indagando se o uso dos objetos e formas autísticas podem conduzir a prática clínica frente à transformação do significado simbólico empregado aos objetos. Logo, o delineamento metodológico baseia-se nos critérios da Revisão Integrativa de Literatura, valendo-se de artigos científicos nas bases de dados BVS-PSI, SciELO e PubMed, em um recorte temporal entre 2000 e 2023, dada a lacuna na literatura contemporânea. Consequentemente, o escopo investigativo evidenciou que, embora tais objetos surjam como medidas protetoras, levam a círculos repetitivos intermináveis. Promovem alívio momentâneo, todavia, impedem que a criança elabore maneiras mais genuínas de interação com os objetos ou com o mundo externo. Tenciona-se promover diagnósticos diferenciais na clínica, diferentes perspectivas e estudos contemporâneos.

**Palavras-chave:** autismo; Frances Tustin; psicanálise.

## Análisis del uso y establecimiento de objetos y formas autistas: una perspectiva de Frances Tustin

**Resumen.** El artículo examina algunos aspectos del funcionamiento psicodinámico del autista, tal como los concibió Frances Tustin. Explora el uso potencial de objetos y formas autistas para transformar el significado simbólico en la práctica clínica. La metodología se basó en una revisión bibliográfica integradora utilizando las bases de datos BVS-PSI, SciELO y PubMed, con artículos entre 2000 y 2023. Los hallazgos sugieren que tales objetos aparecen como medidas de protección y proporcionan alivio momentáneo, pero conducen a círculos repetitivos e interminables que impiden que el niño desarrolle formas más genuinas de interactuar con los objetos o el mundo exterior. El objetivo es promover diagnósticos diferenciales en la práctica clínica, así como diferentes perspectivas y estudios contemporáneos.

**Palabras clave:** autismo; Frances Tustin, psicoanálisis.

---

\* Graduada em Psicologia pelo Centro Universitário das Faculdades Integradas de Ourinhos (UniFIO), Ourinhos, SP, Brasil. E-mail: [lourenco.gabrielaoliveira@outlook.com](mailto:lourenco.gabrielaoliveira@outlook.com)

\*\* Professor de Psicologia no Centro Universitário das Faculdades Integradas de Ourinhos (UniFIO). Ourinhos, SP, Brasil. E-mail: [eduardo.kobori@unifio.edu.br](mailto:eduardo.kobori@unifio.edu.br)

## **An analysis of the utilization and establishment of autistic objects and forms from the perspective of Frances Tustin**

**Abstract.** The article examines aspects of autistic psychodynamic functioning from Frances Tustin's point of view, asking whether the use of autistic objects and forms can lead clinical practice to transform the symbolic meaning used in objects. Therefore, the methodological design is based on the criteria of Integrative Literature Review, using scientific articles from the BVS-PSI, SciELO and PubMed databases, in a period between 2000 and 2023 given the gap in contemporary literature. Consequently, the investigative scope showed that although such objects appear as protective measures, they lead to endless repetitive circles. They provide momentary relief but prevent the child from developing more genuine ways of interacting with objects or the outside world. The aim is to promote differential diagnoses in the clinic, different perspectives and contemporary studies.

**Keywords:** autism; Frances Tustin, psychoanalysis.

## **Analyser l'utilisation et l'établissement d'objets et de formes autistiques : une perspective de Frances Tustin**

**Résumé.** Cet article examine certains aspects du fonctionnement psychodynamique des personnes autistes selon Frances Tustin. Il explore l'utilisation potentielle d'objets autistiques pour transformer le sens symbolique dans la pratique clinique. La conception méthodologique est basée sur une revue intégrative de la littérature, utilisant les bases de données BVS-PSI, SciELO et PubMed, d'articles publiés entre 2000 et 2023. Cette enquête a montré que, bien que ces objets apparaissent comme des mesures de protection et apportent un soulagement momentané, ils conduisent à des cercles répétitifs sans fin et empêchent l'enfant de développer des formes plus authentiques d'interaction avec les objets et le monde extérieur. L'objectif est de promouvoir les diagnostics différentiels dans la clinique, à partir de différentes perspectives et dans les études contemporaines.

**Mots-clés :** autisme; Frances Tustin; psychanalyse.

A psicanalista de orientação kleiniana Frances Tustin estabeleceu seus conceitos teóricos-metodológicos sobre o fenômeno autístico no curso da análise de crianças e adultos ao longo de trinta anos. Para isso, valeu-se de contribuições teóricas de autores como Margareth Mahler e Donald Woods Winnicott como direcionamento para suas teorizações (Ferreira & Abrão, 2014). Dessa forma, Tustin descreve o autismo, em seu livro *Autismo e Psicose Infantil* (1975), como um estado muito regredido do funcionamento psíquico, ou parada no desenvolvimento infantil estabelecido de maneira excessivamente rígida, seja em relação a experiências primitivas vinculadas ao desenvolvimento, seja pelo desvio típico, o qual busca suplantar os terrores mais primitivos de sua existência; a autora atesta: “[...] autismo significa viver em termos do próprio eu (self)” (Tustin, 1975, p.9), isto é, diante da experiência subjetiva autocentrada a criança não responde ao mundo que a cerca. É um estado que se estende para além dos estágios infantis, considerando também a existência de núcleos autísticos em sujeitos adultos. O entrave na infância, denominado por ela como “autismo da fase primitiva”, é observado por meio das dificuldades de o bebê perceber e distinguir entre si e o mundo externo. A dificuldade de tal distinção faculta ao bebê experienciar órgãos, processos e zonas corpóreas com dificuldades em sua dissemelhança, ou ainda, tal dificuldade os leva a sentir a boca, barriga ou braços de maneira desintegrada, entendendo-os como objetos totais (Lucero & Vorcaro, 2015). Contudo, vale sublinhar que, em seu último trabalho, *A perpetuação de um erro*, de 1991, Tustin abre-se para um mundo novo ao repensar sua ideia de que o autismo patológico se constituiria pela regressão ou parada no estágio de desenvolvimento normal do autismo primário (autismo da infância primitiva), assim, não haveria um estágio normal do bebê, ou

mesmo a ideia de que antecederia o narcisismo, igualmente considerado um estado pré-objetal. A reformulação é elucidada pela compreensão da reação ao trauma seguida de dois tempos: a perpetuação da unidade dual e a ruptura traumática, a qual impele a perturbação, alcançando a seguinte percepção: as sensações são base fundamental da vida, pelas quais o bebê se protege de determinados eventos, como o trauma, por meio da idealização de uma “pele adesiva” que imprime sensação de segurança. De maneira oposta, as crianças com autismo criam uma proteção mediante o trauma, não favorecendo a entrada e a saída de experiências distintas, como ocorre nas oscilações típicas. Ocasionalmente, esses traumas são despertados por situações análogas vivenciadas no cotidiano como medida de proteção dessas experiências traumáticas de separação. A autora concebe, a partir de então, o autismo como um estado primitivo da mente. Sugere o uso da terminologia “autismo” somente para estados patológicos, dado o estado de fusão indiferenciada com a figura materna, desconsiderando a conceituação inicial sobre o “autismo normal” (Tafuri, 2003).

Nesse sentido, suas reformulações sobre o funcionamento dinâmico do autismo se estabeleceram a partir da prática clínica com crianças psicóticas e com autismo, favorecendo o entendimento do funcionamento intrapsíquico, da relação das crianças com autismo em relação ao mundo externo e aos cuidadores, bem como impulsionam distintos olhares sobre as práticas clínicas, além de contribuir significativamente sobre aspectos do funcionamento autogerado, estabelecidos pelas formas e objetos autísticos (Ferreira & Abrão, 2014). Mediante isso, Korbivcher (2007, p.54) sustenta, do ponto de vista de Tustin, que a separação dos objetos é essencial para o desenvolvimento da personalidade: “Para Tustin, a maneira como o indivíduo lida com a consciência da separação corporal do objeto é o âmago da existência humana, e é essa experiência que determinará o desenvolvimento de toda a personalidade”. Diante desse argumento, percebe-se que o objeto estaria relacionado a um desejo ou necessidade da criança, ocasionalmente no que se refere aos seus cuidadores e dificuldades de separação corpórea, o que implicará em seu desenvolvimento psíquico. Caso a separação do objeto não ocorra de forma esperada, haverá dificuldades de adaptação e integração da personalidade, isto é, uma separação traumática resultará em dificuldades psíquicas e emocionais as quais levarão a uma perturbação corpórea nutrida por comportamentos, tanto defensivos quanto patológicos. Portanto, as experiências da primeira infância são essenciais quanto à percepção de si, às flutuações nos estados de consciência e as distintas relações das crianças com os objetos (Korbivcher, 2007).

De acordo com Ferreira & Abrão (2014), Tustin pôde observar no autismo, estado dominado pelos objetos autísticos e sensações, que a separação corporal se mostra tão dolorosa que as sensações propiciadas pelos objetos autísticos têm a finalidade de evitar o contato com angústias advindas do mundo externo, bem como com o “não-eu”. Assim, as crianças se “encapsulariam” (posteriormente esta designação se tornaria encapsulamento autogerado), como tentativa de evitar o contato com o mundo externo, concentrando-se predominantemente nas sensações que os objetos lhe provocam (Lucero & Vorcaro 2015). Por conseguinte, a autora considerou como distintos objetos podem ser sentidos como parte integrante de si, uma extensão do seu eu, determinando às experiências transicionais, nesses estados, se depararem com obstáculos, os quais refletem em dificuldades no uso das palavras. Inobstante, a separação corporal de determinados objetos e a distinção em relação a seus corpos apresentam-se como pontos concernentes à compreensão dos aspectos psicodinâmicos do autismo.

Nesse viés, as indagações sobre as particularidades presentes nos estados autísticos foram impulsionadas pelo crescente número de diagnósticos e desenvolvimento de estudos no cenário

contemporâneo. Neste ensaio prioriza-se essencialmente a perspectiva da psicanalista francesa Frances Tustin que, por intermédio da revisão integrativa de literatura, favoreceu o importante entendimento sobre aspectos do funcionamento psicodinâmico e fenomenológico autístico relacionados aos processos mentais, emocionais e comportamentais inconscientes. Dessa maneira, o percurso conceitual se deu da seguinte forma: a exploração dos fatores advindos dos conflitos internos, manifestações protetoras, desenvolvimento psíquico e as experiências primitivas, viabilizaram sublinhar a natureza dos objetos e formas autísticas, bem como as medidas de proteção diante de situações de terror originárias do estado da separação corporal do objeto e a identificando enquanto manifestação patológica. Em vista disso, enquanto hipótese investigativa, indaga-se sobre a relevância da especificidade do objeto autístico enquanto diagnóstico e formas de condução clínica desses estados primitivos da mente. Sustenta-se, mediante as considerações de Tustin, quais as possibilidades dos objetos autísticos auxiliarem no tratamento da imagem corporal, dado o emprego de sua finalidade. Portanto, a Psicanálise considera os aspectos subjetivos do sujeito, a noção de disponibilidade do objeto, efeitos psíquicos desses objetos e relação estabelecida no tratamento analítico e nas intervenções repetitivas (Ferreira & Abrão, 2014; Pimenta et al. 2016; Lucero & Vorcaro, 2015; Korbivcher, 2007). Logo, justifica-se este ensaio como meio de fomentar discussões contemporâneas sobre a compreensão subjetiva das crianças com autismo, intrínseco à natureza dos seus objetos internos.

## **Objetivos**

O fundamento científico dessa investigação adotou como metodologia a revisão integrativa de literatura visando analisar pesquisas pertinentes ao tema que possibilitem o diagnóstico diferencial na prática clínica, por intermédio da seleção e síntese inter-relacional das apreensões dos artigos científicos (Mendes, Silveira & Galvão, 2008). Enquanto embasamento teórico, associa-se ao referencial psicanalítico como método de tratamento e disciplina científica, o qual suscita o pensamento crítico, investigações e interpretações acerca da constituição psíquica, assim como conduz o sujeito à apropriação de distintos sentidos (Zimerman, 1999). Ponderando, o pensamento propagado pela psicanalista Frances Tustin se torna essencial, bem como um ponto conectivo entre a origem das formulações sobre autismo e os impulsionamentos subsequentes. Portanto, justifica-se visitar a obra de Tustin por meio de artigos científicos, como um meio descritivo e elucidativo, não classificatório, mas condizente com aspectos inerentes ao autismo. Busca-se apontar a natureza dos objetos e formas autísticas, bem como, de maneira concisa, as manifestações protetoras estabelecidas pelas manobras autísticas, permitindo a compreensão de aspectos subjetivos que se estendem ao paciente a partir do quadro diagnóstico (Pimenta et al., 2016).

## **Método**

O método empregado para o desenvolvimento deste artigo norteia-se pelos parâmetros da revisão integrativa da literatura, descrita por Mendes, Silveira e Galvão (2008), como uma síntese investigativa ampla que, por intermédio da identificação, ordenação e evidências dos principais conhecimentos sobre o fenômeno estudado, direciona práticas clínicas, destaca as

principais lacunas de conhecimentos pouco exploradas na literatura disponível, bem como aprofundam o conhecimento sobre a temática. Pertinentes a esse ensaio, o método viabiliza a revisão, definição de conceitos ou análises metodológicas. Ademais, sobrevém da delimitação de um problema específico sustentado pela questão norteadora que conduzirá à análise crítica e interpretativa do fenômeno, e, assim, visa alcançar a incorporação da aplicabilidade dos resultados.

Logo, o processo inicial delineado foi impulsionado pela complexidade e problemática observada no contexto contemporâneo concernente ao autismo, suscitando a seguinte questão norteadora: como a análise do uso e estabelecimento de objetos e formas autísticas pode auxiliar no diagnóstico e na condução clínica no autismo? A partir da escolha do tema e predefinição dos objetivos, identificaram-se os descritores junto ao DeCS (Descritores em Ciências da Saúde) e ao MeSH (Medical Subject Headings), os quais consistiram em termos que contemplem o problema de pesquisa: “Trouble autistique”, “Frances Tustin”, “Psychoanalysis”, “autistic objects”, “autistic forms” e “autistic maneuvers”. Realizou-se o levantamento bibliográfico nas plataformas eletrônicas Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), Scientific Electronic Library Online (SciELO), Periódicos Eletrônicos de Psicologia (PePSIC) e National Library of Medicine (PubMed). Além disso, foram efetuadas pesquisas manuais em diferentes fontes, almejando atingir o maior número de publicações que orientasse a problemática.

Em um segundo momento, com a seleção e armazenamento dos resultados onde foram obtidos vinte e dois artigos, segue-se à terceira etapa amparada por critérios de inelegibilidade, excluindo-se quinze artigos por não contemplarem a questão norteadora, ou ainda, por ampliarem demasiadamente o escopo temporal, totalizando a inclusão de 7 artigos, discriminados na Tabela 1. Sendo assim, o primeiro impasse se deu pelas limitações encontradas na literatura, a princípio predominantemente brasileira, o que demandou ampliação para um recorte entre 2000 e 2024, certificando a ampla lacuna na literatura atual sobre estudos que contemplem a perspectiva da autora, o que promoveu questionamentos acerca das possíveis limitações encontradas nos pressupostos de Tustin. Então, enquanto hipótese investigativa, almeja-se equacionar as possíveis limitações e aplicações práticas de sua teoria, algo que não infere a ausência de relevância de sua obra, antes, pretende-se reavivar, a partir da perspectiva da autora, compreensões que tangem as particularidades do autismo.

A avaliação dos resultados dos artigos selecionados foi efetuada de maneira detalhada na Tabela 2, a qual alinhará todo o trabalho de interpretação dos resultados e condensação do conhecimento. O desenvolvimento ressaltou a predominância heterogênea, assim como qualitativa, dos artigos selecionados, ocasionando uma síntese narrativa.

Tabela. 1. Normas segundo critério metodológico.

Base de dados	Referências localizadas	Excluídas por repetição	Excluídas pelo tipo de texto	Excluídas por não responder à pergunta norteadora	Artigos excluídos após leitura na íntegra	N.º de artigos recuperados
SCIELO	10	1	3	3	1	2
BVS-PSI	4	0	0	0	0	4
PUBMED	8	0	7	0	0	1
					Total	7

## Resultado e discussão

O modo como cada paciente se organiza psiquicamente mediante a separação corporal de determinados objetos ocorre subjetivamente a partir dos seus próprios sistemas defensivos, bem como suas potencialidades de tolerância à dor mental. Nesse sentido, a dor pode ser vivenciada de forma tão aniquiladora que os autistas manifestam manobras protetoras a fim de preservar sensações as quais o objeto perdido proporciona; tal continuidade desencadearia um estado permanentemente coeso. Tustin afirma que a separação corporal do objeto está intrinsecamente ligada à constituição psíquica do sujeito e determina a constituição da sua personalidade. Diante disso, seus estudos sobre os fenômenos autísticos em pacientes neuróticos evidenciam, com base em suas próprias experiências, que núcleos encapsulados tenderiam à proteção contra depressões e terrores profundos. Destarte, pacientes com estrutura neurótica podem apresentar núcleos autísticos inacessíveis, promovendo entraves no processo analítico (Korbivcher, 2007; Almeida, 2016). Nesses termos, as organizações defensivas, de acordo com Almeida (2016), estariam relacionadas a angústias primitivas, localizadas no limite, ou bordas, caracterizando-se como patologias severas. Em relação às dificuldades simbólicas empregadas sobre as vivências dessas angústias, o autor acrescenta que:

Essa angústia que não pode ser nomeada, essa “agonia impensável”, surge como sensação de não identidade, perda do senso do real, sensação de se perder, se desmanchar, se diluir. Sensação de estranheza, como se uma catástrofe pudesse acontecer a qualquer momento, logo num tempo que ainda viria (Almeida, 2016, p.28).

Em outros termos, a angústia inominável advinda do sentimento de não pertencimento, sobretudo da falta do real, configura-se em sensações de total aniquilamento, um nada, vazio, ausências, ou, nos termos de Tustin, uma sensação de “buraco negro”, transcritas para vivências não elaboradas. Ocasionalmente, um trauma associado ao passado, o que não requer afirmar estar recalçado, despontaria posteriormente. De tal forma, a sensação de terror sem nome se dá pela inexistência de representação, tal como sem localização psíquica.

Tabela. 2. Caracterização dos Artigos

Título	Autor(es) e Ano	Periódico	Tipo de Estudo	Objetivo	Impacto
Bion e Tustin. Os fenômenos autísticos e o referencial de Bion: uma proposta de aproximação	Korbivcher, Célia Fix (2007)	Revista Brasileira de Psicanálise	Qualitativo	Compreender a relação entre os fenômenos autísticos e os vínculos emocionais.	As sensações da separação do objeto refletiriam em uma sensação aterrorizante de estar fora do seu corpo.
O sistema de encapsulamento: a evolução dos conceitos de formas e objetos autísticos na obra de Frances Tustin	Ferreira, Juliana Araújo; Abrão, Jorge Luís Ferreira (2014)	Estilos clínica	Qualitativo	Entender a natureza dos objetos e formas autísticas.	O objeto autístico produz sobrevivência corporal ao corpo, vulnerável ao contato externo.

Os objetos e o tratamento da criança autista	Lucero, Ariana; Vorcaro, Angela (2015)	Revista de Psicologia	Qualitativo	Evidenciar o uso dos objetos autísticos no tratamento e sua função na constituição subjetiva humana	Relevância da compreensão dos objetos no âmbito da teoria e da prática psicanalíticas.
Realidades e controvérsias em relação ao conceito psicanalítico de autismo normal	Tafari, Maria Izabel (2003)	Psicologia em Revista	Qualitativo	Analisar a refutação de autismo normal, enquanto perpetuação de um erro psicanalítico.	Considera as manobras autísticas como manifestações patológicas
Rompendo o casulo, tomando a palavra e constituindo-se: uma trajetória na clínica psicanalítica contemporânea	Almeida, Angela Maria Menezes de (2016)	Estudos de Psicanálise	Qualitativo	Esclarecer como as problemáticas psíquicas se configuram como patologias em pacientes aparentemente inacessíveis.	Encapsulamento como reação dominante se torna uma maneira de se trabalhar as dificuldades posteriores
Harmfulness of the autistic object to its indispensability for autism clinically in psychoanalysis	Pimenta, Paula Ramos; Santiago, Jesus; Santiago, Ana Lidia. (2016)	Ágora	Qualitativo	Levantar o conceito de autismo e objeto no tratamento psicanalítico	Os objetos autísticos auxiliam no tratamento da imagem corporal do autista.
Caught on the surface: Tustin on autistic experience	Taipale, Joonas (2023)	Frontiers in Psychology.	Qualitativo	Desvelar as experiências sensoriais enquanto autoabsorvidas	Reação protetora presente no autismo manifesta-se contra essas ansiedades impensáveis, implicando em um colapso no modo de consciência bidimensional.

Dominado pelas sensações, o autismo é constituído por experiências sensoriais ou corporais não integradas à consciência e, por vezes, não atribuídas aos processos mentais de simbolização. Ou seja, as crianças autistas podem experimentar sensações e estímulos externos, mas têm dificuldades em processar e integrar essas experiências de forma simbólica e consciente (Korbivcher, 2007). A simbolização é essencial para o desenvolvimento biopsicossocial e à atribuição de significados e representações. Nesse aspecto, buscando entender as particularidades presentes no autismo, Tustin expõe que essas crianças desenvolvem medidas de proteção contra o ambiente externo, tornam o seu interior como uma concha protetora, conservando-se absorvidos em atividades autossensuais objetivando enfrentar a sobrecarga sensorial, bem como as dificuldades em constituir conexões

significativas com o ambiente que a circunda (Ferreira & Abrão, 2014). A alegação vem ao encontro da descrição de Taipale (2023), ao pontuar que a autoabsorção dificulta a consciência intencional do mundo ao desviar o foco para o estímulo sensorial e não à vivência concreta. Consequentemente, o encapsulamento autogerado é estabelecido por Tustin como um modo em que a criança usa formas e objetos autísticos frente às ameaças externas, pois, por transmitirem a sensação de estarem permanentemente disponíveis, são mais confiáveis do que o ambiente que a circunda; são fixos, semelhantes em sua essência, pelo que os cuidados reais passam a ser insatisfatórios mediante os objetos internalizados. De tal forma, enquanto vivem em circunstâncias superficiais, essas crianças não estão conscientes da internalização dos objetos (Taipale, 2023).

Sob tal perspectiva, as experiências transicionais, termo conceituado por Donald Woods Winnicott (2019), diferenciam-se claramente dos objetos autísticos pelo seu espaço intermediário de experimentação, no qual o bebê insere em seu repertório objetos “não eu”. Essa área intermediária que integra o campo da ilusão e constitui a base inicial da experiência, não se reduz a aspectos intrassubjetivos, intersubjetivos, ou mesmo objetivos, mas são transicionais em sua essência enquanto ligação entre o estado de dependência e a autonomia emocional do bebê, ocasionalmente constituídos pelo vínculo entre o bebê e a figura materna, que ocorreria em um cenário de maternagem suficientemente boa (de forma saudável), possibilitada pelo desinvestimento gradual, de modo subjetivo, ao seu tempo e espaço, favorecendo meios para o desenvolvimento psíquico. Sua manipulação compreende prazer e coordenação, bem como o domínio do erotismo oral ligado à satisfação, diferenciando-se do controle rígido e compulsivo encontrado nos objetos autísticos. Criam-se espaços para o brincar e a criatividade, isto é, para um universo composto por elementos simbólicos. Logo, ocorrem na primeira infância, sendo fundamentais para o desenvolvimento emocional da criança, pois permitem a transição do eu para o mundo. O elo entre o mundo interno e externo, facultado pelo objeto transicional (associação entre a fantasia e o real), representa a ausência da mãe, levando a sensações de segurança, bem como minimizam ansiedades e angústias (Ferreira & Abrão, 2014). Já os objetos autísticos correspondem a formas de apego a objetos inanimados, os quais crianças autistas manuseiam enquanto substitutos simbólicos para a ausência de uma ligação emocional com o outro. Os objetos autísticos são utilizados como medidas de isolamento pelos quais as crianças sentem-se protegidas e satisfeitas. Desse modo, a natureza patológica sobrevém do autoerotismo desviante, o qual se transforma em perverso e, seu uso indiscriminado, dificulta o desenvolvimento simbólico.

Nesses mesmos termos, os sujeitos retraem-se progressivamente na tentativa de se protegerem das vulnerabilidades do mundo externo ao utilizarem os objetos e investirem toda sua concentração, tanto neles quanto em formas autísticas, com a finalidade do que Tustin nomeou como encapsulamento. Há intensa compenetração, voltam seus esforços em suas sensações corpóreas e sentimentos providos pelo objeto autístico, vindo a se tornar parte constituinte de si, evitando o “não-eu” e as demais frustrações que este pode lhe causar. Todavia, não há distinção entre o “eu” e o objeto “não-eu”, de tal forma que as experiências transicionais mediarão a relação difusa entre o “eu” e o “não-eu” proveniente dessas experiências. O objeto transicional viabilizaria a diferenciação clara entre objeto e corpo, a qual não é encontrada no objeto autístico cuja finalidade é aniquilar as percepções entre o eu a existência externa, bem como preservar ou impedir a sensação da separação corporal (Lucero & Vorcaro, 2015; Tafuri, 2003; Pimenta et al., 2016).

Sob este viés, a criança com autismo não percebe os limites físicos e espaciais. Sua compreensão abstrata a faz experienciar o mundo de forma bidimensional, pois, segundo Ferreira e Abrão (2014), ao concentrar-se nas formas e texturas sem a nítida diferenciação entre “dentro” e “fora”, não consegue apreender os objetos e o ambiente que a circunda, o que a faz transpor objetos como forma de proteção. Isto é, os objetos autísticos são utilizados em estados de consciência caracterizados pela bidimensionalidade, onde a distinção entre “dentro” e “fora” não é plenamente percebida. Esses objetos atuam como superfícies que podem ser manipuladas, criam uma sensação de encapsulamento protetor, obscurecendo a percepção e a interação com o mundo externo. Nesta perspectiva, a sensação de concha protetora ofusca de tal forma a realidade externa que altera a consciência, bloqueando o estabelecimento de relações com outros sujeitos e com seus cuidadores. É nesse aspecto que há clara diferenciação entre estados esquizofrênicos e autistas apresentados na obra de Tustin, pela capacidade do esquizofrênico, em termos tridimensionais e psíquicos, conseguir transitar “dentro” e “fora” perceber os limites físicos, tal como conseguir interagir e se relacionar com os objetos e os sujeitos. O esquizofrênico verbaliza e mantém o contato visual, contudo, a linguagem caótica, desorganizada e prolixa marca esse estado. Logo, a compreensão simbólica permite que, em análise, se reconheça sua capacidade de desenhar e jogar, além de a abertura mais significativa ao “não-eu” levá-lo à sensação de um buraco advinda da separação corporal, identificando, assim, resquícios de representação. De maneira oposta, nos estados autísticos a ecolalia, a dificuldade de estabelecimento do contato visual e aspectos de fechamento mais concisos do “não-eu”, deixam nítida a distinção entre os quadros, apesar de sua proximidade, o que levou Tustin à diferenciação entre objetos autísticos e objetos confusionais (Pimenta, et al., 2016).

Nessa senda, a diferenciação entre a consciência da dimensionalidade entre esquizofrênicos e estados autísticos é esclarecida pela autora: os objetos nos quadros autísticos são estabelecidos pela sua rigidez, inflexibilidade e representam o “eu”; diversamente, o esquizofrênico estabelece objetos suaves que permitam um amálgama do “eu” e “não-eu” conceituados por Tustin como objetos confusionais. Ambos se aproximam por serem idiossincráticos, pelo seu uso compulsivo, por não serem utilizados para os devidos fins a que se propõe e, enquanto amuletos mágicos, promovem afastamento dos perigos advindos do exterior. Tais objetos autísticos representam aspectos dos cuidadores, os quais asseguram a espera do retorno, isto é, são objetos desviantes da instauração do princípio da realidade que, para isso, tenderiam inevitavelmente à compulsão à repetição, visando o afastamento da sensação delirante de aniquilamento (Pimenta et al., 2016). No autismo, a hesitação entre a absorção de si e a consciência do “não-eu” é experienciada de forma angustiante, diferentemente dos objetos macios determinados pelos esquizofrênicos, os quais proporcionam a diferença entre o “eu” e o “não-eu”. Os estados primitivos da mente, destituídos entre duro e suave, entre inanimado e animado, dizem muito da constituição de ambos. Predominantemente, os objetos autísticos são estabelecidos pela sua rigidez como meio de controle interno ao corpo da criança, características, estas, inexistentes em seus corpos moles e indefesos. São invariavelmente sentidos como parte do seu corpo, estáticos, portanto, sem rede de associações, inanimados, sendo seu uso estereotipado, fixo, bizarro, ritualístico e de manipulação obsessiva. Tustin conclui que os objetos dominados pelas sensações impedem aspectos do “não-eu”. A proteção efêmera promove círculos repetitivos infundáveis; se em parte promove alívio frente à situação momentânea, em parte, impede a instauração de mecanismos de proteção mais genuínos consigo e com os outros (Pimenta, et al., 2016; Ferreira & Abrão, 2014; Taipale, 2023).

De acordo com Korbivcher (2007), a definição de “concha protetora” alude a um mecanismo de defesa psicológica semelhante ao encapsulamento, que envolve a criação de barreiras externas como estratégia de proteção contra o mundo exterior. Essa percepção destaca como o sujeito utiliza seu interior como uma concha protetora, permanecendo imerso em atividades autossensuais a fim de se proteger de situações vulneráveis. A criação de barreiras externas caracteriza uma forma defensiva do “não-eu”: “Autists create their refuge in an inanimate world of people and things, unable to distinguish their own bodies. This barrier leads them to avoid eye contact and speech” (Pimenta et al., 2016, p. 342). Equivalente à descrição, o mundo inanimado dificulta diferenciar seus corpos dos objetos autísticos, os quais passam a ser manipulados de forma estereotipada e repetitiva, bem como levam à ocultação do “não-eu” em relação ao mundo externo. Dessa forma, os objetos autísticos não são diferenciados dos seus corpos, além de aniquilarem a existência ameaçadora do “não-eu”. Portanto, é por meio do “objeto-sensação” que se evitam as situações intoleráveis.

Em oposição à proteção contra as vulnerabilidades externas, o desenvolvimento do pensamento, imaginação e memória são comprometidos, imprimindo a dificuldade de simbolização inerente a esses quadros, onde o brincar e o desenhar das crianças são dificultados pela ausência de capacidade simbólica. Ademais, as barreiras protetoras impelem ao contato visual desviante e dificuldades na verbalização, fazendo surgir entraves na apropriação das palavras, pelo que as crianças passam a se expressar de maneira ecológica, ou mesmo sob distintas formas repetitivas. Outra particularidade se dá sob a dor vivenciada de maneira totalitária, composta de vazio e falta, não necessariamente ausência, mas o sujeito traumatizado experimenta a dor e não o sofrimento pelo isolamento proporcionado pelos objetos autísticos (Pimenta, et al., 2016).

No que se refere ao espaço, este também é percebido de maneira distinta, seja em termos psíquicos ou físicos, onde o vazio se sobrepõe a expectativas inatas e instintuais vinculadas aos anseios do mamar. O espaço é preenchido com as sensações corpóreas de uma mãe idealizada e capaz de suprir as necessidades da criança de forma instantânea (Ferreira & Abrão, 2014). Nesse aspecto, as distorções ocasionadas durante o desenvolvimento sensual estão relacionadas à dificuldade de separação entre a mãe e a criança, a qual elege objetos autísticos supridores dessa solidão perturbadora advinda do desligamento entre ambos. O termo “*nascimento patológico prematuro*” difundido por Tustin estende-se a circunstâncias em que a criança é compelida à separação corporal do objeto, sublinhando a experiência de nascimento traumática, o que levaria o sujeito, por meio de manobras autísticas, à intensa tentativa de preservação da inexistência psíquica. Dessa forma, apatia, ausência da consciência da realidade e/ou manias apresentam-se enquanto barreiras autísticas com finalidade de proteção contra respostas de estímulos exógenos pertencentes à vida psíquica subjetiva (Korbivcher, 2007).

Nesse sentido, observam-se, em um percurso de desenvolvimento infantil típico, diversos recursos utilizados pela criança para suprir e minimizar a ausência da mãe, como o sugar, que representaria o seio. Compete ao pai o auxílio na qualidade de mediador do desligamento do processo simbiótico e compreensão da realidade psíquica, uma vez que a criança e a mãe se tornam mutuamente objetos autísticos para si e experienciam um casulo de sensações empregado por distorções da realidade que dificultam o desenvolvimento simbólico da criança (Ferreira & Abrão, 2014).

Ponderando, os objetos autísticos são experimentados bidimensionalmente, pois as impressões não possuem significados objetivos, não há consciência de dentro e fora. Seu uso persistente, particular, pressionando-os contra o corpo (causando a sensação de impressão),

bem como sua composição concreta e rígida, onde seu manuseio não está correlacionado à fantasia ou emprega sentido simbólico, determina o estabelecimento desses objetos pelas crianças autistas. As formas, tal como os objetos, também são passíveis de impressões e sensações nos autistas, bem como os objetos são geradores de formas, observando que o mais significativo é a impressão sentida na pele. Nesses termos, ao apertar um objeto duro, a criança autista deseja a sensação de dureza para si mesma, permitida pela rigidez, com finalidade de estabelecer limites pessoais e evitar a ideia assustadora de derramar-se. Utilizado de forma persistente, dada a sensação proporcionada ao corpo, o objeto é entendido pelo autista como parte integrante do seu corpo, uma extensão de si. Inobstante, caso não sejam utilizados de maneira demasiada por um período significativo, o objeto auxiliaria no desenvolvimento da criança enquanto minimizaria as sensações de angústia provocadas pela separação da mãe (Pimenta, et al., 2016; Taipale, 2023).

As análises de Tustin, especialmente suas observações publicadas no livro *Barreiras autistas em pacientes neuróticos* (1990), a partir do percurso clínico de seus pacientes Peter e David, impulsionaram-na a formular constatações sobre as singularidades dos objetos autísticos, esclarecendo a importância da compreensão da natureza desses objetos e a provável origem do seu uso. A autora esclarece que ambas as crianças traziam às sessões objetos duros e facilmente substituíveis, além disso, tais objetos não eram utilizados com o propósito para o qual foram originalmente concebidos, mas, deixando impressões táteis ao serem pressionados contra seus corpos, fazendo-os como parte dele, permitiam sensações tranquilizadoras e desviantes por meio da sensação corpórea impressa. Seu uso de maneira idiossincrática e ritualística suplantaria a falta de um ambiente facilitador, sem confiança e desmotivador, sendo utilizados para tolerar frustrações insuportáveis, identificando a origem do sofrimento psíquico advindo das primeiras experiências de privação. Pressionar os objetos compostos por elementos mágicos para essas crianças, estendendo-os do objeto aos seus corpos, imprimiria marcas duradouras, favorecendo alívio momentâneo, sendo fonte de segurança permanente e pertencente como parte de si. Embora considerem o objeto exógeno ao seu corpo, a sensação promoveria proteção sem necessariamente se conectar a esses objetos a ponto de serem insubstituíveis. Entretanto, ainda que protegidas, essas crianças se manteriam inacessíveis ao mundo externo e a outros sujeitos (Taipale, 2023). Curiosamente, a ecolalia também se integra como objeto autístico, fixado, normalmente, pelos adultos, diante da falta de estímulos. Além disso, mesmo a mãe e seu bebê podem tornar-se objetos autísticos mútuos. Dessa forma, devido à sua natureza patológica, a ausência de fantasia leva à sua utilização de forma repetitiva e canalizada, o que implica afirmar que os objetos causam entraves nas associações, bem como na simbolização. Caso o objeto autístico desapareça, a criança se depara com uma angústia originária inominável, como se tivesse perdido parte de si, sentimento oriundo da experiência da perda da mãe, a qual era sentida como parte do seu corpo. Isso evidencia o uso e estabelecimento de caráter obsessivo do objeto, mais relacionado às sensações proporcionadas do que ao objeto em si. Assim, se substituídos por outros, esses objetos são experienciados como o perdido e não como um novo objeto, por isso, facilmente substituídos (Tustin, 1990).

Quando se trata da associação ocasional de formas com aspectos físicos, geométricos, objetos ou seres vivos, é importante evitar conclusões precipitadas ao correlacioná-las às formas autísticas, pois o conceito de formas em si envolve tanto um conceito abstrato quanto uma imagem visual, por meio das quais se constroem representações do mundo interno e externo. Dissemelhantemente, os autistas constroem esse mundo e obtêm as formas de maneira contínua e peculiar a cada criança. Para eles as formas são de natureza a) pré-imagéticas, estágio anterior

à formação de imagens mentais; b) pré-verbais, não estão primordialmente associadas à linguagem; c) pré-objetais, experiências sensoriais mais básicas e abstratas, não necessariamente correlacionadas a objetos físicos singulares do modo; e d) pré-simbólicas, referentes a formas que não são completamente simbolizadas, remetendo ao estágio anterior de desenvolvimento simbólico. De tal forma, os cheiros, sons, gostos e visão são sentidos, além da sensação tátil predominar sobre os demais sentidos da criança (Ferreira & Abrão, 2014).

As formas são criadas sem intervenção da criança, mas advindas das produções de substâncias de sensações moles provenientes do corpo como fezes, urina, saliva, muco, vômito, comida na boca. De acordo com Ferreira e Abrão (2014, p. 408): “É comum que essas crianças manipulem suas fezes no ânus para criar “formas” na mucosa, sendo que o interior e o exterior do corpo não são claramente diferenciados”. Em outros termos, Tustin clarifica que, ocasionalmente, as crianças autistas manifestam comportamentos que envolvem a manipulação de suas fezes no ânus como tentativa de experiência tátil e estabelecimento de limites internos e externos, mesmo que a diferença entre ambiente externo e interno não estejam plenamente diferenciados. Particular a esse contexto, a distinção entre o interior e o exterior do corpo não é estabelecida, então não se restringem apenas a desenhar formas específicas, antes dizem do efeito geral de uma forma que essas crianças procuram obter nas superfícies corporais. Esse comportamento pode ser compreendido como uma expressão singular das dificuldades dessas crianças em distinguir e simbolizar claramente as fronteiras entre o corpo e o ambiente (Ferreira & Abrão, 2014).

Em vista disso, os movimentos comportamentais de girar e balançar também podem produzir formas, uma vez que são as sensações que produzem as formas e implicam em sua relevância e não necessariamente o conteúdo às quais estão relacionados, assim como bolhas de saliva ou manipulação de catarro no nariz também são formas por elas produzidas. Igualmente, podem ser produzidas por objetos e processos não corporais externos, definindo que as formas se repetem por meio dos seus movimentos involuntários, ocasionalmente sentidos como parte integrante de si (Taipale, 2023). Todavia, apesar de os movimentos ocorrerem de maneira involuntária, gradualmente se tornam autoinduzidos e repetidos obsessivamente. Portanto, nas crianças autistas, a propensão em expressar suas experiências por meio de formas tomou um caminho incomum ao longo curso de desenvolvimento esperado, dificultando o desenvolvimento psíquico adequado. Ao não compartilharem suas formas com os outros, essas expressões tornam-se exclusivamente singulares e não passam pelas modificações naturais proporcionadas pela interação com o ambiente (Ferreira & Abrão, 2014).

As apreensões de Tustin ressoam no campo psicanalítico contemporâneo em que o autismo, assim como outros fenômenos, oferece significativas elaborações sobre a sociedade na qual se insere. Inicialmente, apesar de Tustin localizar o autismo no campo das psicoses, considerando os alcances de seu tempo, já o diferenciava dessa própria localização por meio da descrição de seu percurso clínico e formas de tratamento, suscitando um primeiro questionamento de que nem toda dificuldade na infância é sinônimo de autismo, ao contrário do que se observa na sociedade atual, pois esta perspectiva desconsidera os processos subjetivos, pois cada paciente é único e traz consigo particularidades inatas e constituídas ao longo de sua existência. Concepção esta que nos levaria a um segundo questionamento: com o desenvolvimento e facilidade de acesso a novas tecnologias, tais como smartphones, tablets e smart TVs, o uso excessivo de telas poderia se tornar tão simbiótico a ponto de construir uma vida psíquica particular a partir desses objetos, experienciados de forma sensorial, estática e previsível? Estes dispositivos poderiam criar uma sensação de encapsulamento protetor, um fechamento

progressivo obscurecido pela percepção e pela interação com o mundo externo. A proximidade do uso como objetos autísticos é clara, porquanto são objetos desviantes da instauração do princípio da realidade e asseguram a espera do retorno dos objetos primordiais. Aliás, apresentam-se, em sua essência, desprovidos de uma rede de significações, uma relação concreta e instantânea de estímulos, são inanimados, bem como se caracterizam por um uso estereotipado, rígido, peculiar, repetitivo e marcado por uma manipulação obsessiva. Considera-se que o bebê convoca a figura de cuidado, mas, em sua ausência — que pode lhe causar angústias primitivas e sensações de aniquilamento —, buscaria refúgio psíquico em um mundo inteligível, de estímulos sensoriais repetitivos e fixo, repleto de elementos simbólicos, até mágico, mas que, ao mesmo tempo, não devolvem os afetos e cuidados dos quais ele precisa.

Perante o exposto, como medida de tratamento, Tustin sugere a retirada de tais objetos, presumindo que isso favoreceria a inserção da criança no mundo externo, contudo, Lucero e Vorcaro (2015) discordam da técnica. A retirada desses objetos dessas crianças as desperta para seu trauma original, tal como afirma Ferreira e Abrão (2014, p. 401): “A criança se vê obrigada a se confrontar com seu pior pesadelo, o trauma original de estar separado e, portanto, em uma solidão enlouquecedora e com um aparato neuro-mental precário e sem condições à sua disposição para enfrentar tal situação”. Em outros termos, a sensação aterrorizante de solidão advinda do trauma da separação suscitaria intenso sofrimento. Angústias, desespero e raiva, bem como a impressão da perda de parte de seu corpo, ocasionariam uma sensação de completo aniquilamento. Porém, dada a ausência de singularização dos objetos, sua substituição não causa grandes impactos, sendo o objeto substituto experienciado com a mesma intensidade, particularidades e sem alteração do que o anterior representava.

Confere que, a partir do olhar para si, seria possível ao sujeito conduzir o abandono dos objetos autísticos, resultando em apreensões de sua existência, distinções e integrações básicas do processo de desenvolvimento. Apesar de as perspectivas de Tustin considerarem acerca da retirada do objeto autístico, sabe-se que, se realizado de forma indiscriminada, colocaria o sujeito em um estado de terror inominável (Pimenta et al., 2016). Diante disso, Ferreira e Abrão (2014) reiteram que a ausência sentida se refere mais a um vazio e nulidade atravessados por um buraco concreto suprido por meio do objeto autístico. Ademais, seu uso indiscriminado não permitiria desenvolvimentos essenciais de confiança com outros sujeitos. Retirar seus objetos suscitaria pânico e raiva, fazendo emergir até mesmo características fóbicas, sugestionando que sua retirada não deve ocorrer de forma súbita (Ferreira & Abrão, 2014). Certifica-se, também, que a condução com palavras por meio da análise tem por finalidade promover a transformação do significado dos objetos estabelecidos para esses sujeitos e levar ao desenvolvimento das potencialidades simbólicas não desenvolvidas. Compete ao analista conferir vida psíquica ao paciente em estado autístico, em que careceria encontrar uma ponte, uma abertura a qual viabilizasse sua entrada, tal como a realocação de componentes vivos ao paciente, com o propósito de conduzir o progresso da análise sem a intensa sensação aterrorizante (Korbivcher, 2007).

## **Considerações finais**

A investigação proposta originou-se das indagações suscitadas na literatura psicanalítica sobre o autismo, especialmente focando na obra de Frances Tustin. O objetivo foi analisar como o fenômeno se manifesta atualmente e destacar possibilidades de diagnóstico diferencial.

Considerando os estados primitivos da mente dominados por sensações corpóreas não integradas à consciência, é possível distinguir e estabelecer critérios de proximidade entre formas e objetos autísticos. Ambos são sustentados por sensações corpóreas autoinduzidas de atividades autossensuais. Enquanto os objetos podem causar impressões e sensações em crianças autistas, as formas também possuem esse potencial, influenciando a criação de formas distintas. A discrepância entre eles reside nas substâncias manuseadas: os objetos tendem a ser rígidos e concretos, enquanto as formas são compostas por substâncias de sensações moles oriundas do corpo. No entanto, o uso de objetos como mecanismo para atenuar a ansiedade associada à espera reflete uma dinâmica problemática, evidenciando falta de confiança nos cuidadores. A gênese patológica desses objetos está ligada a atividades sensoriais que têm origem na infância ou mesmo no período pré-natal. Compreender o objeto autístico é essencial para a condução clínica, pois seu uso pode favorecer o desenvolvimento simbólico subjetivo quando utilizado como meio de transformação da apropriação das palavras e dos significados empregados.

## Referências

- Almeida, A. M. M. de. (2016). Rompendo o casulo, tomando a palavra e constituindo-se: uma trajetória na clínica psicanalítica contemporânea. *Estudos de Psicanálise*, (46), 25-32. Recuperado de [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0100-34372016000200003&lng=pt&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-34372016000200003&lng=pt&tlng=pt)
- Ferreira, J. A., & Abrão, J. L. F. (2014). O sistema de encapsulamento: a evolução dos conceitos de formas e objetos autísticos na obra de Frances Tustin. *Estilos da Clínica*, 19(3), 398-413. doi: <https://dx.doi.org/10.11606/issn.1981-1624.v19i3p398-413>
- Korbivcher, C. F. (2007). Bion e Tustin: Os fenômenos autísticos e o referencial de Bion: uma proposta de aproximação. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 41(2), 54-62. Recuperado de [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0486-641X2007000200006&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0486-641X2007000200006&lng=pt&nrm=iso)
- Lucero, A., & Vorcaro, A. (2015). Os objetos e o tratamento da criança autista. *Fractal: Revista de Psicologia*, 27(3), 310-317. doi: <https://doi.org/10.1590/1984-0292/931>
- Mendes, K. D. S., Silveira, R. C. de C. P., & Galvão, C. M. (2008). Revisão integrativa: método de pesquisa para a incorporação de evidências na saúde e na enfermagem. *Texto & Contexto - Enfermagem*, 17(4), 758-764. doi: <https://doi.org/10.1590/S0104-07072008000400018>
- Pimenta, P. R., Santiago, J., & Santiago, A. L. (2016). Harmfulness of the autistic object to its indispensability for autism clinically in psychoanalysis. *Ágora: Estudos Em Teoria Psicanalítica*, 19(2), 339-356. doi: <https://doi.org/10.1590/S1516-14982016002013>
- Tafari, M. I. (2003). Realidades e controvérsias em relação ao conceito psicanalítico de autismo normal. *Psicologia em Revista*, 10(14), 108-123. Recuperado de <https://periodicos.pucminas.br/index.php/psicologiaemrevista/article/view/186>
- Tustin, F. (1975). *Autismo e psicose infantil*. Imago.
- Tustin, F. (1990). *Barreiras autistas em pacientes neuróticos*. Artes Médicas.
- Tustin, F. (1991). A perpetuação de um erro. In *O autismo* (pp. 63–79). Revinter.
- Taipale, J (2023) Caught on the surface: Tustin on autistic experience. *Frontiers in Psychology*, 14. doi: <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2023.1243310>

Zimerman, D. E. (1999). Fundamentos Psicanalíticos: teoria, técnica e clínica - uma abordagem didática. Porto Alegre: Artmed.

Winnicott, D. W. (2019). O brincar e a realidade. Ubu Editora.

**Revisão gramatical:** Neide Yoko Tsugumi

**E-mail:** [neideyokotsugumi@gmail.com](mailto:neideyokotsugumi@gmail.com)

Recebido em outubro de 2024 – Aceito em março de 2025.